



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**ADRIANA SOUSA DE ASSIS  
EDINELSA DO SOCORRO FURTADO DA COSTA**

**SOLDADOS DA BORRACHA NA ERA HENRY FORD NO MUNICÍPIO  
DE BELTERRA: um recorte histórico dos anos de 1934 a 1945**

**Santarém/Pará**

**2017**

**ADRIANA SOUSA DE ASSIS  
EDINELSA DO SOCORRO FURTADO DA COSTA**

**SOLDADOS DA BORRACHA NA ERA HENRY FORD NO MUNICÍPIO  
DE BELTERRA: um recorte histórico dos anos de 1934 a 1945**

Trabalho de Conclusão de Curso – modalidade Artigo apresentado ao Programa de Ciências Humanas do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, no âmbito do Plano Nacional de Formação de Professores (ICED/UFOPA/PARFOR) como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Integrada em História e Geografia sob orientação do Prof.º MsC. Wilverson Rodrigo Silva de Melo.

**Santarém – PA  
2017**

**ADRIANA SOUSA DE ASSIS  
EDINELSA DO SOCORRO FURTADO DA COSTA**

**SOLDADOS DA BORRACHA NA ERA HENRY FORD NO MUNICÍPIO  
DE BELTERRA: um recorte histórico dos anos de 1934 a 1945**

Trabalho de Conclusão de Curso – modalidade Artigo  
- apresentado ao Programa de Ciências Humanas do  
Instituto de Ciências da Educação da Universidade  
Federal do Oeste do Pará, no âmbito do Plano  
Nacional de Formação de Professores  
(ICED/UFOPA/PARFOR) como requisito para  
obtenção do título de Graduado em Licenciatura  
Integrada em História e Geografia sob orientação do  
Prof.º MsC. Wilverson Rodrigo Silva de Melo.

Data de Apresentação: 19/12/2017.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof.º Wilverson Rodrigo Silva de Melo (Orientador)**

Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

**Prof.º André Dionei Fonseca (Examinadora 1)**

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

---

**Prof.º Douglas Mota Xavier de Lim (Examinadora 2)**

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

## **SOLDADOS DA BORRACHA NA ERA HENRY FORD NO MUNICÍPIO DE BELTERRA: um recorte histórico dos anos de 1934 a 1945**

**Adriana Sousa de Assis<sup>1</sup>**  
**Edinelsa do Socorro Furtado da Costa<sup>2</sup>**  
**Wilverson Rodrigo Silva de Melo<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

O artigo em questão apresenta um recorte histórico entre os anos de 1934 a 1945, sobre os Soldados da Borracha na Era Henry Ford na cidade de Belterra. O estudo teve como objetivo compreender a importância dos soldados da borracha na formação da população Belterrense no período da ocupação territorial do município, suas manifestações culturais, relações econômicas, políticas e sociais. Para tanto, foram utilizados como fonte de pesquisa o material salvaguardado no Centro de Memória no município de Belterra como documentos, fotografias e jornais que retrataram a história dos soldados da borracha no início do século XX, no referido município, além de entrevistas com soldados da borracha que ainda vivem no referido local e que durante certo período da história fizeram parte do cenário da borracha e sua extração aqui no estado do Pará.

**Palavras chave:** Recorte Histórico; Soldados da Borracha; Belterra; Henry Ford.

### **ABSTRACT**

The article in question presents a historical cut between the years 1934 to 1945, on the Rubber Soldiers in the Henry Ford era in the town of Belterra. The study aimed to understand the importance of rubber soldiers in the formation of the Belterrense population during the period of territorial occupation of the municipality, its cultural manifestations, economic, political and social relations. In order to do so, the material preserved in the Memory Center in the municipality of Belterra was used as a source of research, as documents, photographs and newspapers that portrayed the history of rubber soldiers in the beginning of the 20th century in that municipality, as well as interviews with rubber soldiers who still live in that place and who during a certain period of history were part of the scenario of rubber and its extraction here in the state of Pará.

**Keywords:** Historical Clipping; Rubber Soldiers; Belterra; Henry Ford.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia (2013 B) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), por meio do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR). **Email:** [adriannaassis5@gmail.com](mailto:adriannaassis5@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia (2013 B) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), por meio do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR). **Email:** [juancostaaires@hotmail.com](mailto:juancostaaires@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente no Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). **Email:** [w.rodrigohistoriador@bol.com.br](mailto:w.rodrigohistoriador@bol.com.br)

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Os soldados da borracha na Era Henry Ford no Município de Belterra-Pará” faz uma análise sobre os sistemas de produção de Seringa em larga escala baseados no Fordismo, Taylorismo e no modelo de Aviamento, durante a implantação da Companhia Ford no Oeste Paraense, mais precisamente no Vale do Rio Tapajós no período de 1934 a 1945. Este estudo teve como objetivos compreender a importância dos soldados da borracha e suas contribuições na política de aviamento e na economia desta pequena cidade no meio da selva Amazônica utilizando diferentes fontes de informações para trabalhar essa temática; além de fazer recortes e selecionar aspectos considerados mais relevantes, tendo em vista os problemas locais contemporâneos e analisar as condições de trabalho em que se encontravam os soldados da borracha.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 04 (quatro) pessoas, moradores antigos de Belterra, que vivenciaram os fatos durante a sua infância e adolescência. As referências foram os materiais fotográficos, textos, áudios e vídeos disponíveis no Centro de Memória da cidade de Belterra<sup>4</sup>, à luz de autores que falam sobre a História de Belterra (SANTOS, 2004). Desta forma, esta monografia partiu das seguintes questões: Como se deu a retomada do plantio de seringa em larga escala na Amazônia a partir do Projeto Ford de Fordlândia e Belterra? Que fatos comprovam a existência do sistema Fordismo e Taylorista em Belterra? O aviamento foi uma prática de comércio existente no período de funcionamento da Companhia Ford em Belterra?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa histórica. O estudo concluiu que a retomada da exploração da Amazônia no período da segunda Guerra Mundial deu-se, sobretudo por conta da carência de matéria prima para o mercado de pneus; o soldado da Borracha, presente em Belterra, foi um “sujeito” que trouxe para região toda sua bagagem cultural nordestina, como costumes e crenças e, por conta de sua condição social e o perigo enfrentado em seu estado brasileiro de origem por conta da seca, submeteu-se ao sistema de aviamento como principal moeda da companhia Ford na época; suas manifestações culturais estão presentes nas festas religiosas; além de ser assistido por uma estrutura física de boa qualidade com moradia, escolas, hospital.

No ano de 1942, uma aliança, que resultou no Acordo de Washington, levou a assinatura, entre o Brasil e Estados Unidos, para o fornecimento de borracha, matéria-prima utilizada no abastecimento de indústria bélica norte-americana. O governo de Getúlio Vargas,

---

<sup>4</sup> O Centro de Memória é um pequeno museu existente em Belterra e foi fundado em 01 de maio de 2010, onde encontram-se vários acervos desde a fundação de Belterra que estão disponibilizados para pesquisas.

por sua vez, estimulou o deslocamento interno de trabalhadores em direção à região Norte do país, sendo chamados de “soldados da borracha”. Segundo José Carlos Meireles da Silva (2015, p.16):

No período de 1942 e 1945, não existem dados precisos do recrutamento de trabalhadores que foram transportados para a Amazônia. Segundo a Defensoria Pública do Pará, “mais de 60 mil brasileiros foram voluntários de Guerra”, mas a maioria deles era motivada pelas propagandas do SEMTA, que por sua vez, eram atraentes. Portanto, estima-se que 30 mil faleceram na região, vítimas de doenças como malária, febre amarela, beribéri e icterícia, sem contar, do ataque de índios e animais selvagens.

A denominação “Soldado da Borracha” originou-se a partir da ideia de que os homens que coletavam a borracha para fornecer matéria-prima aos Aliados, atuavam como soldados, ainda que em uma frente de batalha diferenciada. O contexto desse momento é o da Segunda Guerra Mundial, especialmente o momento em que os Estados Unidos deixaram de lado seu *status* de neutralidade na guerra e passaram a apoiar os países aliados. Unidos em um corporativismo, encabeçado pelos estadunidenses, os chanceleres da grande maioria dos países do continente americano definiram princípios políticos e econômicos que abriram caminhos para as negociações de abastecimento de matérias-primas básicas às nações aliadas (PINTO,1984. p. 93).

Neste contexto, a Amazônia retorna à cena como principal fonte de fornecimento imediato de borracha vegetal, utilizada anteriormente pelos estadunidenses no início do século XX. Segundo Joutard (2000, p. 33):

a comunhão entre os indivíduos que compõe a comunidade Soldados da Borracha se dá através do pertencimento a uma trajetória comum, a saída do nordeste para a Amazônia e a vida na Amazônia; e ainda o fato de terem sido considerados soldados, lutado e vencido uma guerra em favor não só da nação, mas do mundo. Daí a convicção de pertencimento ao grupo. Assim, a identidade dos Soldados da Borracha foi socialmente criada, quer seja pelos instrumentos utilizados pelo Estado quando da criação da Batalha da Borracha, quer seja pela apropriação por parte desses homens do discurso que foi preparado tanto para eles quanto para a História.

Neste sentido, percebe-se que havia união e parceria entre os soldados da borracha, facilitando o trabalho e o convívio desses grupos que saíram de suas terras, em busca de melhoria econômica e social. Estes indivíduos, atuando em uma frente de trabalho, realizado em uma região que lhes era estranha, construíram laços de fraternidade e uma identidade que os acompanharia para sempre a partir da designação de “Soldados da Borracha”.

Os Soldados da Borracha vivenciaram os altos e baixos da economia da borracha em plena selva amazônica e, mesmo fazendo parte de uma rica história de migrantes nordestinos, indígenas e caboclos, lutaram na justiça pelo direito a uma pensão de dois salários mínimos. Assim, trazem à tona seus relatos e memórias, seja nos seus momentos em meio à selva Amazônica, seja em sua vida no seringal, seja em suas experiências, seja em suas residências na selva amazônica, seja, ainda, em suas lutas por um lugar na história e como sujeito de uma conquista ainda não concluída.

A saga dos Soldados da Borracha se configura em um dos mais instigantes capítulos da História do Brasil, tendo forte reflexo na formação populacional tanto da área rural como na área urbana. Trata-se de uma história feita por pessoas humildes que se tornaram protagonistas em um momento em que o mundo vivia sob o manto sombrio de uma Guerra que ameaçava a ordem mundial e mergulhava todo o planeta em um mar de incertezas.

## **1. NO LÓCUS DA PESQUISA: alguns apontamentos**

Este trabalho utilizou como fonte o material salvaguardado no Centro de Memória no município de Belterra, onde se foi realizada a coleta de informações através de documentações, fotografias e jornais que retratam a história dos Soldados da Borracha no início do século XX, no referido município. Além da visita, que foi o eixo principal deste projeto, também se buscou outras fontes, como entrevistas com ex Soldados da Borracha que ainda residem no referido local e que, durante certo período da História, fizeram parte do cenário da borracha e sua extração aqui no estado do Pará.

No Centro de Memória da cidade de Belterra foram verificadas várias fontes como jornais e fotografias, com o objetivo de analisar a grande participação dos Soldados da Borracha nas questões culturais, sociais, econômicas e políticas.

O uso de jornais se justifica porque a imprensa tem sido apontada como uma importante fonte de estudo para a História. Se em meados do século passado, jornais e revistas eram vistos com desconfiança pelos historiadores, considerando-se a subjetividade presente em seu conteúdo. A partir da década de 1980, uma série de estudos passou a considerar os impressos periódicos como um importante canal de estudo dos conflitos que perpassam a sociedade (LUCA, 2006). Sobre essa questão vale lembrar a fala de Amaral (1982. p. 25):

É preciso perceber que a notícia não é espelho do fato, porque muitas críticas às distorções da imprensa popular são pertinentes do ponto de vista ético, mas transmitem a ideia de que é possível uma notícia límpida que faça os fatos

transparecerem tal como aconteceram. As notícias reconstróem os acontecimentos por intermédio da linguagem e são redigidas com base em formas narrativas, símbolos, estereótipos, frases feitas, metáforas e imagens, e interpeladas por constrangimentos organizacionais, pressões políticas e económicas, entre outros.

Em relação às imagens fotográficas e aos filmes que estão no Centro de Memória no município de Belterra, é preciso lembrar que a imagem foi uma das primeiras formas escolhidas para os agrupamentos humanos registrar em sua própria história. Nas paredes das cavernas, antes da invenção da escrita, o homem pré-histórico já dava significação para o conteúdo imagético registrado em cenas de seu cotidiano. O autor Marcos Napolitano (2008) registra o desafio que representa para o historiador contemporâneo a emergência de uma realidade dominada por imagens e sons que dispõem de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados. Conforme Burke (2004. p. 236-238):

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante [...]) Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir.

Quanto às entrevistas, seguimos o entendimento da historiadora Verena Alberti que sobre a história oral afirma (2008. p.178):

A entrevista de História oral é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes. Em geral o entrevistado é colocado diante de uma situação *sui generis*, na qual é solicitado a falar sobre sua vida a uma pessoa quase estranha e ainda por cima diante de um gravador ou uma câmara.

Assim se tem a ideia de trabalhar com os "documento-monumento" “com a intencionalidade de se explorar o próprio documento, cuja produção se deu e resultou nas relações de força que existiram e existem nas sociedades que os produziram como fonte de pesquisa, o documento, e em contrapartida, reproduz uma história local com base nos documentos que falam da realidade da comunidade como afirma (ALBERTI, 2008, p. 183-184):

É, antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas

durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando - lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

Portanto, a importância da metodologia da história oral torna-se de grande relevância mediante a visita ao centro de memória, para ouvir o relato da história de vida dos Soldados da Borracha, suas experiências e, através de seus depoimentos, compartilhar a importância que tiveram estes atores sociais no contexto histórico, socioeconômico e político da produção gomífera em Belterra.

## **2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CHEGADA DO PROJETO FORD NO BAIXO TAPAJÓS**

A região do Baixo Tapajós, no Oeste Paraense, no final da década de 1920, esteve imersa em um cenário político-econômico, no qual foram desenvolvidas várias formas de articulação entre o capital internacional americano, o governo brasileiro e a classe de políticos parlamentares da Amazônia, com o intuito de conhecer as áreas da região, onde pudessem ser desenvolvidos futuros projetos de cunho econômico.

Concomitantemente ao cenário da Segunda Guerra Mundial no fim da década de 30, as negociações entre o Governo do Estado do Pará, o Governo Federal e os Estados Unidos, resultaram na chegada do Projeto de Henry Ford na região paraense do Baixo Tapajós. O governo do Estado do Pará, em acordo com as orientações da esfera Federal, concretizou a concessão de subsídios e incentivos fiscais para a criação e instalação da Companhia Ford Industrial no Brasil.

Entretanto, para conhecer as conjecturas deste cenário do Projeto Ford na Amazônia brasileira, faz-se necessário analisar e compreender as interseções existentes entre as influências da Revolução Industrial no setor automobilístico, a Segunda Guerra mundial, o processo de reativação da borracha da Amazônia e a imigração nordestina para a Amazônia.

## **2.1. O IDEÁRIO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

Para se falar em indústria automobilística, na qual está inserida na 2ª Revolução Industrial, é importante conhecer as teorias à luz das mudanças tecnológicas ocorridas. O primeiro paradigma se baseia na Revolução Industrial Britânica, que dominou a economia mundial durante todo o século XIX e foi a base de observação para a elaboração da teoria neoclássica.

Na teoria neoclássica tradicional, o foco de interesse permanece vinculado à teoria dos preços e alocação de recursos. A firma é vista como uma “caixa preta”, que combina fatores de produção disponíveis no mercado para produzir bens comercializáveis. O mercado, embora possa apresentar situações transitórias de desequilíbrio, tende a estabelecer condições de concorrência e informações perfeitas. A firma se depara com um tamanho “ótimo” de equilíbrio. As possibilidades tecnológicas são usualmente representadas pela função de produção, que especifica o resultado da combinação possível de fatores. As tecnologias estão disponíveis no mercado, seja através de bens de capital ou no conhecimento incorporado pelos trabalhadores. Por fim, é assumida a racionalidade perfeita dos agentes, diante de objetivos da firma de maximização de lucros (SILVA, 2015 p.190).

Esse tipo de negócio, através do sistema de firma na 1ª Revolução Industrial, não tinha como foco a qualificação da mão de obra, pelo contrário, seus interesses eram voltados unicamente para produção de bens de que o mercado necessitava, seus objetivos principais estavam focados no barateamento do processo de fabricação e, principalmente, nos possíveis lucros com as vendas. Esses primeiros modelos eram, sobretudo, organizações familiares, onde geralmente quem coordenava a produção era o próprio dono, sem preocupações com concorrências externas, já que sua visão de negócio era bastante limitada.

Já o segundo paradigma em que se baseia no modo de produção Fordista acontece durante a 2ª Revolução Industrial e fundamenta-se na linha de montagem acoplada à esteira rolante, que evita o deslocamento dos trabalhadores e mantém um fluxo contínuo e progressivo das peças e partes, permitindo a redução da porosidade. O trabalho nessas condições torna-se repetitivo, onde “o trabalhador perde suas qualificações as quais são incorporadas às máquinas, nessa concepção o Fordismo está ligado ao desenvolvimento das forças produtivas visando a máxima potencialização da produção em massa” (LARANJEIRA, 1997 p. 89).

O modelo de organização do trabalho de Henry Ford caracterizou a luta de classes, onde a indústria fordista sistematizou o trabalho mecanizado, utilizando os métodos desenvolvidos por Taylor, abastecendo assim o consumo de massa. “Esse modelo de

produção em massa fordista foi universalizado e combinado com as técnicas de administração científica taylorista” (BRAGA, 1995, p. 96).

Dessa forma, de acordo com Braga (1995) o Estado arrecadava os impostos e assegurava certos direitos trabalhistas, por meio de pactuações com a classe empresarial, a qual se comprometia com o pagamento dos altos salários inspirados no modelo produtivo de Ford, e esses trabalhadores por sua vez, suportavam as formas fordistas-tayloristas de exploração do trabalho. Através disso, Taylor visava a exploração do trabalho em seu limite máximo, seguindo as normas, os princípios e as leis “científicas” da administração do trabalho.

É neste cenário que se observou que no fim do Segundo Império Brasileiro; o desenvolvimento ocorria de forma tímida, sendo que o modo de produzir gerado pela Revolução Industrial começou a se desenvolver, de forma significativa no Brasil, somente no final do século XIX e começo do século XX.

No Brasil, foram os ricos cafeicultores de São Paulo, com capital de sobra, originário das exportações de café, que começaram a investir no setor industrial. Nesta fase, as principais atividades industriais eram a de produção de tecidos e de processamento de alimentos. Estas indústrias eram de pequeno e médio porte, tocadas pela burguesia industrial que estava em plena ascensão. Concentravam-se, principalmente, nos centros urbanos dos estados da região Sudeste, sendo que a cidade de São Paulo era o grande polo industrial.

## **2.2. O CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E REATIVAÇÃO DA BORRACHA**

Diniz (1999) caracteriza a Era Vargas como um período de transição política e social na história brasileira. Isto é compreendido quando as mudanças ocorridas ao longo do primeiro governo Vargas, de 1930 a 1945, teriam se dado a partir da transformação de um sistema econômico de base agroexportadora para uma sociedade onde estavam semeados os pressupostos do setor urbano industrial. Politicamente, a mudança estaria representada na inserção de novos atores no panorama estatal, interessados no desenvolvimento de um mercado interno, sem excluir as antigas elites voltadas para o mercado externo.

Concomitantemente, é neste cenário da Era Vargas que se desenrolam os conflitos da segunda guerra mundial. No contexto da Segunda Guerra Mundial, bipolarizado entre os blocos dos “aliados” e do “eixo”, os países aliados como Inglaterra, França, Estados Unidos e

Rússia ficaram preocupados com a possibilidade de acabar seus estoques de látex, pois para eles, venceria a guerra aquele que tivesse a maior quantidade de borracha.

Dessa forma, o governo Norte-Americano procurou o governo Brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais das colônias inglesas na Ásia ingleses estivessem sob domínio da expansão nipônica. O Governo Brasileiro para atender suas responsabilidades, previstas no acordo com os Estados Unidos, criou órgãos responsáveis pelo arremetimento da mão-de-obra e organização dos seringais na Amazônia (SILVA, 2005).

A reativação do processo de produção gomífera na Amazônia Brasileira aconteceu durante o Estado Novo (1937-1945), período que antecede a segunda Guerra Mundial. A guerra fez ressurgir no cenário da economia brasileira a produção da borracha, fazendo com que a Amazônia se tornasse a maior produtora de “látex” novamente. Com o início da guerra na Europa, as relações que o Brasil mantinha com outros países se caracterizavam por uma política que consistia, basicamente, na aproximação simultânea com os Estados Unidos e a Alemanha. Entretanto, diante da evolução do conflito europeu, o Brasil tornou-se gradativamente mais comprometido com os norte-americanos para um posicionamento na guerra (CARVALHO, 2009).

Apesar das tentativas do governo brasileiro de manter equilibradas as negociações com Estados Unidos e Alemanha, durante toda a década de 1930, no contexto da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente no ano de 1942, o cenário político brasileiro traçaria novos caminhos para que o Brasil, em nome do então presidente Getúlio Vargas, tomasse uma posição na guerra.

Segundo Silva (2005) o Brasil apesar de todas as estratégias adotadas, não conseguiu atender a quantidade de borracha estipulada no Acordo de Washington, que acabou sua vigência em 1947. No período de transição do fim do Acordo de Washington, o Brasil havia produzido mais borracha do que necessitava, levando o Banco de Crédito da Borracha a tentativa de financiar a safra de 1947, recorrendo a empréstimos no Banco do Brasil e no Tesouro Nacional; além disso, foi criado nesse período a Comissão executiva de Defesa da Borracha. Nesse contexto, os seringalistas diminuíram a produção até que não conseguiram mais pagar as dívidas e decretaram falência, chegando a vender seus seringais a preços bem abaixo do mercado para pecuaristas que migraram da região Sul para a Amazônia a partir da década de 1970 (SILVA, 2005).

Em virtude disso, o desenvolvimento industrial brasileiro deve muito ao trabalho dos Soldados da Borracha nos seringais amazônicos, pois a participação da Amazônia brasileira

no conflito mundial deu-se de forma mais específica na extração de borracha, onde milhares de nordestinos migraram para a região ainda pouco povoada na época.

### **2.3 MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA A AMAZÔNIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

De acordo com Souza (1978), a reativação do ciclo da borracha transformou-se em grande polo de atração para as populações rurais do Nordeste. Migrar para a Amazônia tornou-se fato constante na história nordestina, principalmente, advindos dos estados do Ceará e de Pernambuco, a partir daí formaram-se, então, as correntes migratórias para a região Amazônica, incentivada por donos de seringais e pelo governo federal.

É sabido que alguns donos de seringais se deslocavam até o Nordeste, principalmente para o Ceará, com o objetivo de recrutar trabalhadores para os seringais, propagando que as quantias pagas aos trabalhadores eram elevadas e ao desembarcarem em Manaus e Belém, eram logo levados para as zonas produtoras do látex.

É neste cenário, que a vida do Soldado da Borracha, apesar de todas as vantagens demonstradas por parte dos donos de terra, tornava-se bem difícil, pois ao chegar no local de trabalho ele assinava um contrato regulamentando as relações de trabalho, que o obrigava a vender o produto a determinado seringalista, e essa obrigatoriedade da venda do produto, tirava – lhe a liberdade na autonomia de venda, uma vez que os preços eram estipulados pelos governos brasileiro e americano. Uma marcante característica dentro do contexto em que viviam esses trabalhadores era o fato de não haver moeda corrente, uma vez que a borracha era a moeda de troca. Dessa forma, os soldados tornavam-se reféns dos seringalistas, pagando preços baixos pelo látex e alto preço pelos mantimentos, armas, munição e remédio (SILVA, 2005).

No tocante a isso, é que Sarges (2002, p. 79) afirma que “o seringueiro, em sua maioria retirante nordestino, era o último elo da cadeia econômica. Aparentemente, era livre, mas a estrutura econômica o colocava em situação de trabalho semelhante à relação de servidão”.

Por outro lado, o incentivo do Governo Federal em atrair migrantes para a Amazônia, se efetiva em detrimento das relações bilaterais com os “países aliados”. Para que pudesse suprir suas responsabilidades descritas em acordos, o Governo Brasileiro criou órgãos responsáveis pelo arregimento da mão-de-obra e organização dos seringais. Os trabalhadores recrutados para produção gomífera no contexto da Segunda Guerra Mundial, ficaram

conhecidos como “Soldados da Borracha”. Muitos desses migrantes eram em sua maioria pessoas advindas do Nordeste brasileiro, chegando à Amazônia fugindo da seca e com esperança de recomeçar em uma região estereotipada como o “Eldorado brasileiro”.

A partir dos Acordos de Washington em 1942, várias instituições e agências estatais americanas e brasileiras foram criadas para administrar a Batalha da Borracha, interferindo no sistema de Aviamento,<sup>5</sup> estruturado no século XIX. O sistema de Aviamento se estruturou na Amazônia no século XIX como uma cadeia hierarquizada com vários agentes e atores que estabeleceram relações comerciais para o fornecimento de mercadorias a crédito em troca de produtos regionais.

Santos (1980) comenta que havia a ilusão de que a chegada dos nordestinos iria contribuir para o aumento da produtividade e conseqüentemente do lucro, ampliando o sistema e minimizando as relações tradicionais de dependência. Muitos nordestinos migravam para a região amazônica com objetivo de conseguir erguer grandes fortunas com o trabalho nos seringais, uma vez que a borracha tinha grande visibilidade econômica. No entanto, logo caíram na realidade, e isso se tornou uma grande ilusão. Dessa forma, Santos comenta a situação em que se encontravam esses migrantes após tamanha desilusão:

O seringueiro ficava de tal modo isolado, pela própria disposição geográfica das atividades produtivas regionais, que seu vínculo com o “barracão” se tornava exclusivo e ele perdia quase totalmente a liberdade de usar o que ganhava. Nessas condições, a grande função desempenhada pela moeda seguia sendo a prestação de serviços de cálculo (SANTOS, 1980, p.158).

Após o período em que houve o auge da borracha e também da tentativa frustrada de investida por parte do setor privado, somente com a Segunda Guerra Mundial, a borracha reconquista, ainda que por pouco tempo, o cenário mundial, fazendo com que o Brasil participe da guerra por meio do envio de tropas (FEB) e, principalmente, como produtor de matéria-prima.

Em suma, de acordo com Santos (1980) na Segunda Guerra Mundial, a borracha da Amazônia volta ao cenário internacional e, no ano de 1942, o Brasil assina um contrato com os Estados Unidos, tendo, entre outros objetivos, a cooperação técnica, científica e financeira entre os dois países, além da criação de um fundo para a expansão da produção da borracha.

---

<sup>5</sup> O Aviamento foi um sistema que ditava a relação entre seringueiros e seringalistas, consistia em um sistema onde os seringueiros eram obrigados a entregar o resultado de sua atividade aos seringalistas e também a adquirir todos os produtos necessários para sua atividade e para a própria sobrevivência nos chamados barracões, que era propriedade do próprio seringalista. Os preços cobrados por esses bens de consumo eram exorbitantes e os preços pagos pelas bolas de borracha muito baixos, dessa forma, os seringueiros sempre ficavam devendo aos seringalistas (FIGUEIRA, 2004 p.38).

Como contrapartida, os Estados Unidos exigiam exclusividade sobre a matéria-prima do Brasil e os limites da comercialização com a Alemanha. A borracha era um dos produtos mais importantes do mercado da guerra. Assim, o Brasil não apenas contribuiria com a guerra, como também receberia recursos para investir na produção da borracha. Nascendo assim o processo de reativação da borracha na Amazônia.

É nesta conjectura que o governo do Estado do Pará, no fim da década de 30, em acordo com as orientações da esfera federal concretizou o apoio para a criação da Companhia Ford Industrial do Brasil - CFIB. Como assevera Mahar (1978), a proposta elaborada pelo governo paraense permitiu o repasse de um milhão de hectares de terra na margem direita do rio Tapajós, localizada nos municípios de Aveiro e Itaituba, posteriormente estendida para Belterra, no município de Santarém, ambos no estado do Pará, para a empresa americana.

Esse contrato concedia à indústria americana o uso intensivo da natureza, com plantação de seringueiras, exploração mineral, utilização dos rios para navegação, construção de represas e açudes para a produção de energia, construção de estradas, para que houvesse formas de escoar a produção, além da construção de fábricas, armazéns, hospitais, depósitos e tudo o que fosse necessário. Além dessas concessões, Henry Ford também teve o direito de exportar e importar produtos brutos ou industrializados, instalar núcleo de povoamento, contratar pessoas de dentro e de fora da região, inclusive estrangeiros, além de realizar pesquisas minerais. É no cerne dessas concessões que nasce a “Vila de Bela Terra”, posteriormente emancipada como cidade e denominada de “Belterra”.



**Foto 01:** A cidade de Belterra<sup>6</sup>

**Fonte:** Acervo do Centro de Memória de Belterra. **Ano:** 1974

---

<sup>6</sup> A foto mostra a vista aérea do Município de Belterra, suas estradas, os modelos de casas que seguiam normas devido as ordens do sistema Fordista vigente neste período durante a sua existência naquele Município.

### 3. A DINÂMICA DO TRABALHO NOS SERINGAIS EM BELTERRA

Em geral, segundo Santos (1980) um seringal era formado por um barracão, geralmente localizado às margens dos grandes rios, objetivando facilitar o abastecimento de mercadorias, utilizadas para manter o funcionamento do seringal e o escoamento da produção. Dessa forma, os barracões tinham de estar em locais estratégicos, de modo que possibilitassem àquela casa administrativa estabelecer uma constante comunicação com os Centros.

Nas proximidades do Barracão moravam as pessoas que faziam os serviços diretos para o patrão, como por exemplo o mateiro, que tinha como atribuição encontrar as seringueiras e constituir as “estradas de seringa”; o toqueiro limpava o caminho das estradas; o aviador era responsável pela caderneta de controle de mercadorias e produção do seringueiro; o tropeiro eram incumbidos de levar a mercadoria ao seringueiro e trazer a produção; o gerente do seringal, administrava o local de produção da borracha; jagunços eram contratados para fazer valer as imposições dos donos de seringais e os seringueiros que trabalhavam diretamente na extração do látex nas fazendas. Cada um com sua importância singular para manter o conjunto administrativo em condições de funcionamento (NASCIMENTO, 2000).



**Foto 02:** Seringueiros na cidade de Belterra<sup>7</sup>  
**Fonte:** Acervo do Centro de Memória de Belterra.  
**Ano:** 1974

<sup>7</sup> Esta imagem retrata a chegada dos seringueiros retornando dos seringais com o látex ou seja, o leite extraído das seringueiras onde os mesmos traziam sua produção para terem direito a salário.

### 3.1 OS MODELOS DE PRODUÇÃO TAYLORISTA E FORDISTA

Frederick Winslow Taylor viveu nos anos entre 1856 e 1915, era engenheiro mecânico e desenvolveu um conjunto de métodos para a produção industrial, conhecido como Taylorismo. De acordo com Taylor (1990)<sup>8</sup> “o funcionário deveria apenas exercer sua função em um menor tempo possível durante o processo produtivo, não havendo necessidade de conhecimento da forma como se chegava ao resultado final”.

Segundo Antunes (2002), o Taylorismo aperfeiçoou o processo de divisão técnica do trabalho, sendo que o conhecimento do processo produtivo era de responsabilidade única do gerente, que também fiscalizava o tempo destinado a cada etapa da produção, além da padronização e a realização de atividades simples e repetitivas. Taylor apresentava grande rejeição aos sindicatos, fato que desencadeou diversos movimentos grevistas.

Criado pelo empresário norte-americano Henry Ford que viveu entre os anos de 1863 e 1947, o Fordismo é um modelo de produção em massa que revolucionou a produção industrial do início do século XX, sendo bastante utilizado até os dias atuais; a organização do sistema era totalmente baseada na linha de produção, na qual cada funcionário era especializado em apenas uma atividade específica.

O modelo de produção em massa fordista foi universalizado e combinado com as técnicas de administração científica tayloristas, ao passo que foram ampliados diversos direitos sociais, o que suavizou temporariamente o conflito inerente à relação capital-trabalho até a crise de seu padrão de acumulação (BRAGA, 1995, p. 96).

Os conceitos de Taylor e de linha de produção eram importantes para Ford., pois pretendia, nesse contexto, baratear o máximo possível os custos de produção, diminuição dos desperdícios e aumentando a eficiência. O objetivo era que se produzissem veículos em grande escala com custos menores e com possibilidade desses veículos serem vendidos ao maior número possível de consumidores.

O sistema de organização do trabalho industrial denominado fordismo, foi criado por Henry Ford. Sua principal característica foi a introdução das linhas de montagem, na qual cada operário ficava em um determinado local realizando uma tarefa específica, enquanto o produto fabricado se deslocava pelo interior da fábrica em uma espécie de esteira. Dessa forma, as máquinas ditavam o ritmo do trabalho.

---

<sup>8</sup> Publicado originalmente no ano de 1911. A edição brasileira é de 1990 o que justifica o usarmos a obra desse ano, mesmo que posterior a morte de Taylor.

O funcionário da fábrica se especializava em apenas uma etapa do processo produtivo e repetia a mesma atividade durante toda a jornada de trabalho, fato que provocava uma alienação física e psicológica nos operários, que não tinham noção do processo produtivo do automóvel. Essa racionalização da produção proporcionou a popularização do automóvel de tal forma que os próprios operários puderam adquirir seus veículos.

Tanto o Taylorismo quanto o Fordismo tinham como objetivos a ampliação da produção em um menor espaço de tempo e dos lucros dos detentores dos meios de produção através da exploração da força de trabalho dos operários. O sucesso desses dois modelos fez com que várias empresas adotassem as técnicas desenvolvidas por Taylor e Ford, sendo utilizadas até os dias atuais por algumas indústrias. As duas formas de organização de produção industrial, tanto o Taylorismo quanto o Fordismo provocaram mudanças significativas no ambiente fabril no século XX, esses dois sistemas visavam à racionalização extrema da produção e a maximização da produção e do lucro.

### **3.2 O TRABALHO NOS SERINGAIS EM BELA-TERRA: Política de Aviamento ou Política Fordista de Produção?**

Na Amazônia, a prática do aviamento foi desenvolvida desde o período colonial, ao longo da Bacia do Rio Amazonas e seus afluentes, para a obtenção de produtos nativos como as drogas do sertão. Nesse sentido, Santos (1980) asseverou que:

Desde os tempos da Colônia, porém, um regime de crédito informal vinha se esboçando. Naquela época, o negociante sediado em Belém supria de mantimentos a empresa coletora das “drogas do sertão”, para receber em pagamento, ao fim da expedição, o produto físico recolhido. Essa modalidade de financiamento ficou conhecida com o nome de *aviamento*, uma espécie de crédito sem dinheiro. Ela será o embrião de um grande mecanismo que pôs a funcionar toda a economia amazônica da fase da borracha e que persiste ainda em nossos dias, se bem que modificado e com importância atenuada (SANTOS, 1980, p. 156).

Foi a partir daí que se materializaram as relações comerciais da sociedade mercantil do Brasil, com as áreas de desenvolvimento do escambo no interior da Amazônia. Por outro lado, o aviamento emergiu a partir da experiência portuguesa, que se consolidou por meio da exploração do excedente econômico da atividade extrativa e impulsionado pelo capitalismo industrial exógeno. Assim, um novo personagem veio a compor a paisagem da região e a introduzir um modelo de troca importado e depois reinventado para ser adaptado às especificidades econômicas, sociais e geográficas da Amazônia.

Aviar, na Amazônia, significou fornecer mercadorias a crédito. O “aviador” de nível mais baixo fornecia ao extrator certa quantidade de bens de consumo e de alguns instrumentos de trabalho, eventualmente pequena quantidade em dinheiro. Em pagamento, recebia a produção extrativa. “Os preços dos bens eram fixados pelo ‘aviador’, o qual acrescentava ao valor das utilidades fornecidas juros normais e mais uma margem apreciável de ganho, a título do que se poderia chamar ‘juros extras’” (SANTOS, 1980, p.159). Esse “aviador” por seu turno era “aviado” por outro e também pagava “juros extras” apreciavelmente altos.

Santos (1980) acrescenta, ainda, que, na parte mais alta da cadeia, encontravam-se as empresas exportadoras, eram as que mais se beneficiavam do acúmulo de renda através dos “juros extras” e da diminuição do preço local da borracha. O autor frisa que a estrutura de trabalho era simplificada quando o seringalista se tornava um empresário de certa envergadura. “Neste caso, ele próprio se constituía um ‘aviador’ de Belém e de Manaus e, por outro, ao seringueiro extrator, seu ‘aviado’ ou freguês” (SANTOS, 1980, p.160).

Em Belterra e em Fordlândia<sup>9</sup>, no período da reativação da produção da borracha, durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, nos idos do século XX, o processo de extração do látex foi diferente do processo implantado na Amazônia, pois na Belterra do século XX as relações de produção não estavam vinculadas ao sistema de aviamento, que criava obrigações quase servis entre o seringueiro e o seringalista.

Partindo de tal reflexão, infere-se que em Belterra durante o funcionamento do Projeto Ford, não houve a política de aviamento típica dos seringais amazônicos do Século XIX, pelo contrário, houve uma reinvenção dos modos de produção e troca de crédito com os seringalistas, outrora denominados de Soldados da Borracha”, dado o contexto de instabilidade que o mundo vivia na década de 40 do século XX.

Nesse sentido, questiona-se, qual o melhor termo para designar tal relação do seringueiro com o Projeto Ford em Belterra. Seria uma política de Aviamento Industrial? Seria um Neoaviamento? Seria um Aviamento Fordista? Ou outro termo que melhor contemple as relações fabris entre os soldados da borracha e a Companhia Ford.

No tocante a isso, afirma-se que em Belterra, as relações capitalistas não se implantaram nos ‘intramuros’ de uma fábrica de automóveis, mas no chão da floresta e por entre os rios de uma cidade-empresa, com base no sistema Fordista de produção, readaptado ao ser implantado na Amazônia.

---

<sup>9</sup> O termo “Landia” deriva do termo “Land” que em inglês significa “Cidade”, logo Fordlândia passou a ser Cidade de Ford. As frentes de trabalho em Bela-terra e Fordlândia (recebeu esse nome porque foi uma área de terras adquiridas por Henry Ford que se localizava nos municípios de Santarém, de Aveiro e de Itaituba no Estado do Pará).

A criação da cidade-empresa foi a estratégia usada pelo capital diante de situações onde a oferta de infraestrutura e serviços urbanos era precária e não dava suporte para o desenvolvimento das atividades industriais. Essa estratégia se mostrou importante tanto para o processo de reprodução do capital como para a concentração e controle da força de trabalho, através da oferta de moradia para os trabalhadores das empresas (PIQUET, 1998).

Como em Belterra, no contexto da Segunda Guerra Mundial, não havia as relações clássicas de trabalho do aviação tradicional, em virtude de não haver seringais liderados por coronéis da borracha e aviadores naquela vila, pode-se inferir que os modos de produção e as relações de seringueiros/Soldados da Borracha com a Companhia Ford podem ser melhor rotulados no conceito de Aviação industrial ou política fordista de produção.

Isto é perceptível quando se notava o controle dos trabalhadores pelos gerentes de produção e pelo relógio de ponto que ficava na caixa d'água em Belterra, como também a presença de salário em dinheiro e identificação dos seringueiros por números ao invés dos nomes, nas placas de metal que levavam pendurados ao pescoço.

Em suma, de acordo com Trindade Jr. (2010, p 135) a Companhia Ford Industrial do Brasil – CFIB – implantou, em Fordlândia e em Belterra, um sistema de produção baseado na constituição da força de trabalho em bases assalariadas, na plantação planejada em áreas definidas em quadras, no disciplinamento dos trabalhadores em hierarquias sociofuncionais e na construção de uma cidade na floresta, tendo como referência o sistema Fordista de produção, algo que ainda não havia sido experimentado na região.

### **3.3. RELATOS DE EX SOLDADOS<sup>10</sup> DA BORRACHA: A Memória Revisitada**

Durante onze anos o projeto Ford desenvolveu suas atividades na extração do látex na cidade de Belterra. O chamado segundo “Ciclo da Borracha” aconteceu em Belterra entre os anos de 1934 a 1945. O que se sabe sobre a História desse período foi publicado em livros de autoria de Oti Santos e de Terezinha Amorin, além de outros autores que falam sobre o patrimônio histórico de Belterra.

Dessa forma, este trabalho buscou outros caminhos para contrastar a historiografia, tendo optado o uso da História oral, por meio da realização de entrevistas com antigos

---

<sup>10</sup> Durante o processo de gravação dos relatos dos entrevistados, não foi possível realizar o registro fotográfico dos depoentes, nem o preenchimento da cessão de direitos, pois os mesmos não autorizaram nem mesmo para fins educacionais.

moradores da cidade de Belterra, em especial ex Soldados da Borracha, que vivenciaram o período de extração do látex na região naquele período.

Os relatos dos entrevistados estão apresentados aqui em textos transcritos retirados de gravação através de áudio. Não houve perguntas específicas para essa pesquisa; na ocasião, os pesquisadores pediram aos entrevistados que contassem as histórias que viram e viveram no período do Ciclo da Borracha em Belterra e os mesmos relataram informações que estão transcritas a seguir. Durante as entrevistas os pesquisadores pediram para os entrevistados explicarem se houve e como se deu o sistema de aviamento nos seringais em Belterra de forma específica.

Esses relatos serviram para que os pesquisadores entendessem as percepções e compreensões dos entrevistados acerca do que viveram e do que vivem, seja no momento de seus deslocamentos para Amazônia, no cotidiano do trabalho no seringal, ou em suas experiências urbanas no estabelecimento de residência nas diversas cidades amazônicas para onde migraram.

### **Relato do Srº. Erasmo Nonato Moura<sup>11</sup> (86 anos)**

Neste relato, o depoente afirma de que foi Soldado da Borracha, e inicia sua fala fazendo registros sobre o primeiro, segundo e terceiro batalhão do exército na época da Ditadura militar:

[sic] Veio uma ordem para Belterra onde os rapazes da localidade que eram pra servir no tiro de guerra **não precisavam mais se incorporar porque já eram considerados “Soldados da borracha”**. Então eu não fiquei com o documento, a partir de então o capitão transmitiu: Olha vocês não vão mais servir aqui, porque o batalhão vai ser extinto daqui futuramente, **vai sair daqui e vocês já são considerados soldados da borracha**, agora vocês ficam aguardando pra serem chamados para jurar a bandeira, na época vocês vão ser convocados para jurar a bandeira, então ficamos aguardando.

Passou o tempo, quando chegou o Batalhão 8º BEC, Batalhão Rondon em Santarém, daí veio uma ordem para que os convocados daqui que naquela época era pra servir no tiro de guerra, deveria marchar para Santarém pra nesse dia lá, jurar a bandeira perante o 8º BEC o Batalhão Rondon que estava chegando em Santarém juntamente com o tiro de guerra 190 e nesse dia ia acabar o tiro de guerra ficando o Batalhão Rondon, como tá até hoje. Aí nós fomos, deu no radio a notícia, naquele tempo não tinha televisão, fomos pra lá e **então juramos bandeira recebemos o documento de reservista de terceira categoria, mas como soldado da borracha, só que não consta no documento soldado da borracha**. Então naquela época não tinha nenhum documento comprovando que eu era soldado da borracha, **eu trabalhei naquela época na borracha mesmo, na seringa mesmo, aí quando é**

---

<sup>11</sup> Srº Erasmo foi um dos seringueiros denominados “Soldados da Borracha” que trabalharam nos seringais da cidade de Belterra na Era Henry Ford.

**agora, vem essa demanda que estão pesquisando procurando aqueles antigos pra receber uma grana e eu já procurei aqui uns meios de como entrar nisso pra comprovar que eu era considerado soldado da borracha.** O único documento que eu tenho é o atestado de reservista de terceira categoria que jurei bandeira perante o Batalhão Rondon, bom, até aí foi essa história.

Eu nasci em Fordlândia, onde tinha essa mesma empresa que foi implantada aqui do Henry Ford. Eu nasci lá e fui cambiado pra cá muito criança, cheguei aqui com a idade de 05 anos, meu pai foi transferido pra cá e nós viemos. Nessa época Belterra “tava” começando e comecei a estudar na escola hoje chamada Waldemar Maués na época se chamava “Escola Henry Ford”, o Henry Ford garantia tudo, as professoras eram normalistas e lecionavam para os filhos dos empregados dos seringais, **as pessoas não tinham direito a férias nem comemoração de datas festivas, era apenas trabalho. As únicas datas que eram festejadas era o 07 de setembro, Natal e Fim de ano, os demais feriados não eram comemorados.** Na época com 15 anos eu comecei a trabalhar nos seringais, e fui questionado se garantia trabalhar na seringa, e respondi que garantia sim. **Sobre o sistema de aviamento: - não existia esse negócio de comprar terra, tudo era por conta do próprio patrão que fundou isso aqui, morreu e nunca veio conhecer isso aqui.** Na época a empresa tinha um barco onde um funcionário saía pelas comunidades recrutando pessoas para trabalharem nos seringais, quem tinha família eles traziam para Belterra e arrumavam casa, na hora que chegava em Belterra o trabalhador ia se cadastrar e já recebia um crachá que era uma “chapa” de identificação dos trabalhadores sempre com um número que identificava, tinha que andar com ela no bolso o tempo todo, a minha por exemplo tinha o número “9822”.

**Quando os trabalhadores davam o nome já começavam a ganhar e na hora que chegavam já iam para um barracão onde os empregados solteiros viviam, lá eles moravam e faziam sua própria refeição, quem tinha família recebia uma casa de palha, chão de terra batida, fogão a lenha.** Quando começavam a trabalhar era definido o capataz, o seringueiro, quem ia capinar, cada um recebia uma função e para os seringueiros eles tinham que aprender a “ferir” a seringueira da forma correta pra poder trabalhar. Agora, eles não compravam as ferramentas, (porque cada uma tinha uma “chapazinha amarelinha”) aquilo prevalecia como se fosse dinheiro, tinha um depósito e uma pessoa que distribuía as ferramentas cada uma com o numero de identificação, agora se ele perdesse a ferramenta podia passar o tempo que passasse, mas na hora que fosse embora ele tinha que prestar conta do material, se não devolvesse ele tinha que pagar antes de ir embora, mas na hora de trabalhar essas ferramentas não eram compradas. Não havia lazer, a única diversão que tinha era uma espécie de cinema ao ar livre e esses filmes vinham do Cine Olímpia e cada um tinha que levar seu banquinho para poder assistir e era sempre coisas relacionadas aos Estados Unidos. Havia uma “sede do povão” onde as pessoas se reuniam para se divertir na época em que o então presidente Getúlio Vargas fez uma visita a Belterra, eu não lembro o ano.

**O pagamento dos trabalhadores era feito por quinzena. Não teve em Belterra o sistema de aviamento e a exploração do trabalho era pequena, no entanto, havia leis e regras dentro do sistema de produção que os trabalhadores tinham que seguir, era um regime bem rigoroso.** “As pessoas vinham trabalhavam nos seringais, não pagavam água, não pagavam moradia, mas o regime era trabalhar e produzir.

Muitos detalhes e situações podem ser observadas no relato de Seu Erasmo Moura. O mesmo destaca como se deu o processo de recrutamento de seringueiros como Soldados da Borracha, no entanto ele não tem nenhum documento que comprove tal relação de trabalho. A reflexão do depoente é marcadamente um traço dos juízos de valor que se faz acerca dos

soldados da borracha no tempo presente. Seu Erasmo menciona como era o seu dia a dia de trabalho no estilo estadunidense, de poucos feriados e maior efetividade do trabalho, assim menciona que em Belterra não houve a política de aviamento, mas sim o modo de produção Fordista que estabelecia a concessão de casas e refeições distintas para solteiros e casados.

Partindo desta premissa do depoente, infere-se que o ciclo da borracha teve seu auge entre os anos de 1879 e 1912, chegando a ser uma das matérias primas utilizadas para mecanismos de guerra durante a Primeira Guerra Mundial. Retomando seu folego com a instalação da Companhia Ford Industrial do Brasil em Fordlândia e Belterra no Estado do Pará, entre os anos de 1942 a 1945, passando também a alimentar a Segunda Guerra Mundial que durou seis longos anos para terror dos países envolvidos diretamente.

Atualmente, a maioria dessas pessoas busca junto ao Exército Brasileiro documento que comprove sua arregimentação para extração do látex de seringa no período compreendido entre os anos de 1942-1945, objetivando a comprovação de sua condição de “Soldado da Borracha” junto ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), a fim de receber uma indenização pelos serviços prestados á Nação, além de uma quantia mensal de dois salários mínimos, a título de benefício assistencial.

### **Relato do Srº Leopoldo Sena<sup>12</sup>**

[sic] Em 1959 Soldado da Borracha era o pessoal que trabalhava no Acre. **Quando eu trabalhei em Belterra o sistema de produção já não era mais do Henry Ford**, porque o Ford entregou em 1945, eles trabalharam em Belterra de maio 1934 a 1945. **A plantação era pra ser o maior produtor de borracha do mundo, mas não deu certo porque a praga caiu em cima e acabava com o seringal**, a praga comia tudo, eu tinha 7 anos e minha mãe era funcionária, a produção era vendida pra os americanos.

**Aqui não funcionava esse sistema de aviamento.** Tinha aqui vários comerciantes aqui em Belterra, não vendia fiado pra descontar do salário não, isso não tinha aqui, essa questão de aviamento tinha no Acre, aqui era diferente. Meu pai trabalhou na companhia Ford como enxertador, **a produção de seringa começou em Fordlândia, mas não deu certo e então chegaram em “Bela Terra”** que Belterra era chamada assim na época, **saíram convocando pessoas de todos os estados do Brasil pela rádio pra virem pro Pará trabalhar em Belterra.** Foram construindo casas para os funcionários da companhia (tinha a vila) e também para os seringueiros e outros trabalhadores (moravam em casa de palha).

O sistema em Belterra era rigoroso, eu trabalhei como seringueiro em 1957. Os americanos entregaram pra o governo brasileiro em 1945, **dizem que a exploração aqui era pra ser ouro e não seringa.** Eu cortava seringa em 1957 colhia 20/30 kg de leite e vendia pro Ministério. Agora Soldado da Borracha eu nem sei lhe dizer aqui o pessoal era considerado soldado da borracha eu me aposentei pelo ministério da agricultura.

---

<sup>12</sup> Srº Leopoldo foi um dos seringueiros que trabalharam nos seringais da cidade de Belterra na Era Henry Ford. Não se considerava “Soldado da Borracha”

De acordo com relatos do Sr. Leopoldo quando o mesmo chegou a Belterra o Sistema Fordista já não estava mais presente naquele local, havia apenas resquícios de sua existência ali. Ele relata que a plantação de seringa feita em Belterra por trabalhadores da Companhia Ford era pra ser a maior do mundo, no entanto, houve uma praga que acabou exterminando centenas de seringueiras diminuindo drasticamente sua produção e perdendo mercado.

Ainda segundo o Sr. Leopoldo, em Belterra não havia o sistema de aviamento, todos os trabalhadores recebiam salários por seu trabalho. Ele comenta também que a produção de seringa na região iniciou em Fordlândia, cidade criada pela Companhia Ford para a produção gomífera e exportação do material e não tendo êxito em sua produção expandiu as plantações de seringueiras para a cidade de Belterra e contratava funcionários para trabalhar através de anúncios em rádios locais daquela época.

Dessa forma, Henry Ford com o objetivo de atender suas necessidades, principalmente de produção de pneumáticos e fugir dos preços cobrados pelos produtores de borracha comandados pelos ingleses, implantou no Brasil a Ford Company, onde recebia subvenções do governo brasileiro para implantação da produção de látex em Fordlândia e, posteriormente, de Belterra. As plantações amazônicas de seringueiras por não resultaram em produção efetiva de borracha, principalmente devido a problemas sanitários, como o mal-das-folhas (BATISTA, 2007).

### **Relato do Srº Francisco Bezerra Oliveira<sup>13</sup>**

[sic] **Fui funcionário daqui, mas não trabalhei com borracha**, cheguei do Ceará em Belterra no ano de 1943 e ainda era criança. Mas o Henry Ford entregou o sistema de produção para o governo brasileiro e mesmo sendo criança eu percebi que o governo brasileiro continuou o mesmo sistema que os americanos usavam aqui. Mas esse negócio que você falou **do aviamento não aconteceu aqui, quando a pessoa vinha pra trabalhar aqui ele vinha com direito a salário superior ao da região, a hospital e grupo escolar de primeira qualidade, casa, água de boa qualidade, tudo, salário em dia, aqui era muito bom**. Eu sei sobre o que a senhora tá falando que o trabalhador vinha pra cá e quando chegava não era nada do que diziam os americanos não faziam isso, eles cuidavam dos empregados muito bem, e inclusive eles saíram daqui porque não conseguiram mão de obra suficiente, **nunca conseguiram pessoas pra tocar o mega projeto porque era muito grande e muito ambicioso**.

**Naquela época tudo era no trabalho braçal, abrir estrada, derrubar árvore era tudo manual, então eles nunca conseguiram gente suficiente pra trabalhar aqui**, é tanto que o contrato q eles tinham com o governo brasileiro era de explorar 250 mil hectares em 100 anos, eles trabalharam 11 anos e apenas 6 mil hectares, o fim da

---

<sup>13</sup> Seu Francisco não trabalhou nos seringais, mas relata que presenciou o repasse das terras de plantio de seringueiras de Henry Ford para o Governo brasileiro.

guerra desestimulou os americanos a plantar borracha. As mulheres trabalhavam no serviço do campo em um serviço mais leve, era limpeza, capina e ganhavam menos e também os rapazes de 16 a 18 anos, **mas nenhum trabalho aqui era estressante, demais pesado ou na base da escravidão como muita gente até hoje diz.** Porque se o horário de trabalho era 7 horas da manhã, eles tinham que estar lá às 7 horas se chegasse 10 minutos atrasado ele perdia o dia de trabalho e tinha que largar na hora e tinha que fazer o trabalho bem feito era um trabalho constante. Mas os americanos tinham todo o direito de exigir isso porque eles davam todos os direitos do empregado e pagavam bem, então eles tinham todo direito de exigir que o trabalho fosse bem feito que cumprisse o horário fosse tudo, mas trabalho escravo não.

Quando essas pessoas falavam que os americanos queriam escravizar os trabalhadores é porque esse povo, esses caboco aqui da beira do rio não tavam acostumados a trabalhar cumprindo horário, nem sendo mandados por ninguém, eles ficavam lá na rede na vida boa bebendo cachaça, então quando vinham pra cá trabalhar empregados eles achava ruim, mas não era nada disso, era muito bom, muito bom mesmo. Se eles tivessem durado aqui muitos anos as coisas eram melhores porque isso aqui tinha crescido muito, mas não deu certo e tiveram que entregar pro governo brasileiro em 1945, **o governo manteve isso aqui por uma questão social, mas não tinha interesse em plantar seringa, o ministério da agricultura ele tinha interesse em fomentar o agricultor, e assim o seringal se acabou na mão do povo.** Os soldados da borracha não era esse povo que trabalhava aqui, o soldado da borracha era o povo que ia no tempo da guerra pra outros países a mando do governo e mandava o povo que tava com problema no nordeste pra cortar seringa no Acre, então como os soldados iam pra guerra, eles foram denominados aqui soldados da borracha porque vinham pra cá também lutar na selva pra poder ter a borracha que naquela época era ouro puro que ajudou a criação de Manaus, Belém também mas principalmente Manaus, teatro e todos aqueles prédios históricos.

Depois que levaram sementes da borracha para os países da Ásia começou a produção lá e começou a cair a produção aqui porque lá o trabalho era escravo, vendia mais barato e também o Ford desistiu aqui porque a despesa era muito grande e lá era mais barato, então era melhor comprar de lá, aqui o pessoal só trabalhava no seringal, mas não era soldado da borracha.

O Sr. Francisco relata que foi funcionário da Companhia Ford, mas ele não trabalhou com extração de látex. Ele relata que em Belterra não houve o sistema de aviamento porque segundo ele todos os trabalhadores tinham seus direitos garantidos, bem como, moradia, educação e saúde de qualidade ofertada pela Companhia Ford.

Segundo ele, a Companhia Ford tinha um projeto gigantesco para a região, no entanto, não conseguia gente suficiente para levar em frente esse grande projeto. Ele relata que o trabalho não era feito de forma escrava e trás outra grande situação que ocorreu para que a produção de látex no Brasil não desse certo. Foi quando a Companhia Ford viu poderia produzir o látex em países da Ásia com muito menos custos que a produção no Brasil, então o mercado de produção de borracha no Brasil teve grande perda. Segundo ele o governo brasileiro não tinha interesse em produzir o látex para exportação e sim fomentar a produção agrícola na região.

Dessa forma, os insucessos, ocorridos no plantio de seringueiras em terras amazônicas, resultaram na transferência dos seringais da Ford Company para o governo brasileiro por um preço simbólico, em meados de 1945.

Um aspecto relevante que impedia um aumento imediato da produção de látex de seringueira foi o desmonte da cadeia produtiva do primeiro período de exploração e o quase abandono dos seringais, ocasionado pela concorrência dos seringais asiáticos. Os preços altos pagos pela borracha amazônica tornaram-na um produto secundário, tornando caro e economicamente inviável continuar a investir neste produto.

Por tudo isso, foi comum que os seringais abandonados tivessem seus varadouros e estradas de seringa fechados, pela retomada da mata. Muitos barracões foram abandonados e os antigos seringueiros, que ainda resistiam na região, dedicavam-se a outras atividades extrativas ou a agricultura de subsistência como forma de sobrevivência.

#### **Relato da Sr<sup>a</sup>. Guiomarina (81 anos)<sup>14</sup>**

Depois do contrato virou cooperativa, quando vocês vieram trabalhar pra cá com contrato vocês ouviram falar em sistema de aviamento? – Não, nunca ouvi falar porque aqui tinha ali onde é o CRAS era a estação de leite onde tinha aqueles “coisa” grande de depositar o leite pra ir não sei pra onde. A casa que a gente morava era de palha, e a gente era chamado pelo número da placa, meu número era 247, as casas de palha era só pra os empregados dos seringais, as casas de madeira da vila que tem aí era só mensalista e americanos todas já estavam quando cheguei aqui. Nunca veio ninguém do Henry Ford aqui, cheguei aqui em 1957, aqui veio pessoas de todas as partes, a estrada sete era cheia de casas de trabalhadores que vinham em busca de emprego, **no início todos era empregados, aqui era só seringueira, os quintais eram dentro do seringal.**

Eu me aposentei por idade com 55 anos porque pagava o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, daí me aposentei e meu marido trabalhava no garimpo e se aposentou por lá, mas ele se aposentou como soldado da borracha, ele faleceu e eu recebi um valor em dinheiro. **As crianças trabalhavam no seringal porque nós os pais levávamos, eles tiravam sernambi, e ajudavam a gente, mas não ganhavam nada pelo trabalho, era muita seringueira pra dar conta do trabalho e entregar a produção na hora certa, a gente começava o trabalho as 6 horas da manhã porque tinha o horário em que o apito soava as 10 horas pra colher o leite e entregar no carro pra recolher o leite,** e até hoje o relógio apita, só isso que mantiveram porque as casas não tem mais nenhuma.

Estagnou daquilo não ficou nada, as seringueiras foram acabando porque elas eram enxertadas dava muito leite e a gente tirava 52 kg de leite de uma árvore. **A terra que Henry Ford explorou em Belterra foi cedida pelo governo, começou em Fordlândia e não deu certo,** ele nunca veio aqui, e ele vendeu pro governo de volta, nunca tivemos título de terra, cada um que mora aqui teve sua terra arrendada pelo ministério da agricultura. Quando passou pro soldado da borracha eu recebi um dinheiro que era da parte do meu marido. Esses daqui de dentro de Belterra não sei se conseguiram se aposentar como soldado da borracha **e nem existe documentos que comprove que eles trabalhavam como soldados da borracha.** Quando eu trabalhei no seringal, a gente recebia material pra poder trabalhar e como tirar a

<sup>14</sup> Foi uma das muitas mulheres que trabalharam nos seringais na extração do látex.

seringa da forma correta. Saiu muito leite daqui pra São Paulo e não sei pra onde mais, eram muitos tambores de leite que saíam daqui. nós nunca tivemos valor aqui.”

Os relatos da Sra. Guiomarina mostram que logo quando a mesma começou a trabalhar em Belterra na retirada do látex os seringais eram dentro dos quintais. Lá trabalhavam homens, mulheres e também as crianças porque eles tinham prazo para entregar uma determinada quantidade de látex em um determinado horário especificado pela empresa.

Ela conta que a terra onde a Companhia Ford começou a produção de seringa em Fordlândia e em Belterra foram cedidas pelo governo brasileiro e acabou não dando certo. Diante disso a mesma relata que as pessoas eram apenas denominadas soldados da borracha mas nenhuma tinha documentos que comprovassem esse título aos trabalhadores dos seringais em Belterra.

Em conformidade com os relatos apresentados pelas mulheres seringueiras, percebemos que elas não deixavam a desejar em nada em relação aos homens. Viviam a mesma realidade e intensidade da vida na floresta. Retratando, assim, que a mulher ocupou um papel muito importante na atividade de extração do látex, uma vez que, a maioria delas, mesmo após o casamento, continuava a desenvolver as atividades ao longo de sua vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A História da Amazônia relacionada à borracha e às suas relações com a floresta e com os homens que a buscaram, foi, quase sempre, dedicada economia e suas seriaçãoes de preços, produção, capital e mão-de-obra e poucas foram as abordagens no campo da História social e cultural.

A Legislação Brasileira, nos idos dos anos 2000, considerou como “Soldado da Borracha” não apenas os seringueiros migrados do Nordeste para a Amazônia e que contribuíram com seus esforços na guerra, mas também aqueles seringueiros que já estavam trabalhando na extração do látex na Amazônia, no período anterior á entrada do Brasil na Guerra. Partindo dessas premissas, infere-se que quando se menciona sobre os “Soldados da Borracha”, observam algumas categorias distintas dentro desse mesmo conceito: os que foram alistados em idade de prestar o serviço militar, como opção alternativa a este; os voluntários que se deslocaram para Amazônia, acompanhados de suas famílias, esposas e filhos; aqueles que já se encontravam na Amazônia, extraindo látex; e, por fim, os que nasceram nos seringais, todos participando e contribuindo para a guerra.

Nesse sentido, o recorte histórico, proposto no título desta pesquisa, foi influenciado por vários fatores históricos nacionais e internacionais já supracitados, além dos relatos de pessoas que viveram a época do auge da borracha na Amazônia e sua fase no município de Belterra.

No tocante a isto, destaca-se que, nos seringais, os empresários da borracha mantiveram a tradicional rede de aviamento e parte das antigas normas para controlar a mão de obra. Este modelo de exploração dos trabalhadores, ressaltando suas peculiaridades, foi idêntico na maioria dos seringais da Região Amazônica.

No entanto, os ex-Soldados da Borracha relataram que o trabalho dentro do sistema de produção era bem rígido, uma vez que os empregados deviam cumprir horário, cuidar de suas ferramentas e material de identificação, não havia comemoração de datas festivas e feriados, exceto 07 de setembro, Natal e Ano Novo, além de terem que cumprir com a meta de produção diária de retirada do látex.

Em suma, de acordo com alguns autores como Trindade Jr (2010) e com os relatos de alguns ex-soldados da borracha entrevistados em Belterra, todos afirmam que na região de Belterra não houve o sistema de aviamento tradicional que imperou na Amazônia no Século XIX. Pelo contrário, alguns dos depoentes relataram que os empregados dos seringais recebiam salários por seu trabalho; não chegavam nos barracões já devendo os patrões; tinham casa para morar, embora fosse uma moradia simples; recebiam ferramentas para o trabalho e só precisavam pagar caso perdessem as mesmas; havia atendimento de saúde para todos os trabalhadores; havia escola para seus filhos; havia abastecimento de água; dentre outros benefícios.

## **REFERÊNCIAS**

**ALBERTI**, Verena. Fontes Orais: história dentro da história: In: **PINSKY**, Carla Bassanezi (Org) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

**AMARAL**, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 3 ed. Rio de Janeiro – Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1982.

**ANTUNES**, R. **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2002.

**BATISTA**. Djalma. **O Complexo da Amazônia: Análise do Processo de Desenvolvimento**. Manaus: Valer, 2007.

- BRAGA, R.** Luta de classes, reestruturação produtiva e hegemonia. In: **BRAGA, R. Novas Tecnologias. Crítica da atual reestruturação produtiva.** São Paulo: Xamã, 1995.
- BURKE, Peter.** **Testemunha ocular: história e imagem;** tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CARVALHO, V.M.G. Ex-Combatentes do Brasil – Entre a História e a Memória (1945-2009).** Universidade Federal do Pernambuco. Recife. 2009.
- DINIZ, Eli.** Engenharia Institucional e Políticas Públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais. In: **PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o estado Novo.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende.** **Pisando fora da própria sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GRANDIN, Greg, Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- JOUTARD, Philippe.** Desafios à história oral do século XXI. In: **FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Orgs.). História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Fiocruz/CPDOC, 2000, p. 31-46.
- LARANJEIRA, Sonia M.G. “Fordismo e Pós-fordismo” Trabalho e tecnologia – Dicionário Crítico.** Petrópolis – Vozes. Porto Alegre: Ed Universidade, 1997, p. 89-90.
- LUCA, Tania Regina de.** História dos, nos e por meio dos periódicos In: **PINSKY, Carla B. (Org.). Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.
- MAHAR, Dennis, “Desenvolvimento econômico da Amazônia: uma análise das políticas governamentais”,** Relatório de Pesquisa IPEA/INPES, Nº 39, Rio de Janeiro, 1978.
- NAPOLITANO, Marcos.** A história depois do papel. In: **PINSKY, Carla B. (org.). Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, Maria das Graças Silva.** **O Espaço Ribeirinho.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- PINTO, Néelson Prado Alves.** **Política da Borracha no Brasil: A Falência da Borracha Vegetal.** Hucitec, São Paulo, 1984.
- PIQUET, Rosélia, Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira,** Zahar, Rio Janeiro, 1998.
- SANTOS, Oti. Belterra: a sua História.** Santarém – Instituto Cultural Boanerges Sena, 2004.

**SANTOS, R. A. O. História Econômica da Amazônia: 1800-1920.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

**SARGES, Maria de Nazaré, Belém: riquezas reproduzindo a Belle-Époque (1870-1912),** Paka-Tatu, Belém, 2002.

**SILVA, José Carlos Meireles da. Revista do Exército Brasileiro: Soldados da Borracha: Os Heróis Esquecidos Na Amazônia.** Vol.151-, p. 11, 1º quadrimestre de 2015- Edição Especial.

**SILVA, M.A. “A borracha passada na história” (Os Soldados da Borracha durante a Segunda Guerra).** Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

**SOUZA, Itamar. Migrações Internas no Brasil.** São Paulo, Dissertação de Mestrado, Mimeog. FFLCH/USP, 1978.

**TAYLOR, F. W. Princípios de administração científica.** São Paulo: Atlas, 1990.

**TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da.** “Cidades na floresta: os ‘grandes objetos’ como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico”, In: **Revista IEB,** São Paulo, 2010, Nº 30, p. 113-137.

## **DEPOIMENTOS**

**Erasmio Nonato Moura, 86 anos. Entrevista realizada dia 18/10/2017.** Concedida a Adriana Sousa de Assis e Edinelsa do Socorro Furtado da Costa. Tempo de Duração: 20 min. 2017.

**Francisco Bezerra Oliveira.** Idade não informada. **Entrevista realizada dia 18/10/2017.** Concedida a Adriana Sousa de Assis e Edinelsa do Socorro Furtado da Costa. Tempo de Duração: 20 min. 2017.

**Guiomarina, 81 anos. Entrevista realizada dia 18/10/2017.** Concedida a Adriana Sousa de Assis e Edinelsa do Socorro Furtado da Costa. Tempo de Duração: 20 min. 2017.

**Leopoldo Sena.** Idade não informada. **Entrevista realizada dia 18/10/2017.** Concedida a Adriana Sousa de Assis e Edinelsa do Socorro Furtado da Costa. Tempo de Duração: 20 min. 2017.